

Presença / ausência de artigo antes de possessivo no Português do Brasil

Ana Maria Brito

Faculdade de Letras do Porto / Centro de Linguística da Universidade do Porto

O Português Europeu (PE) e o Português do Brasil (PB) apresentam algumas diferenças quanto à sintaxe dos possessivos, sendo a mais manifesta a tendência para ausência do artigo definido em presença do possessivo no PB, sem que a construção com artigo tenha desaparecido.

A proposta fundamental a ser desenvolvida neste texto é a de que, independentemente de factores linguísticos que podem influenciar a ausência ou a presença de artigo definido antes de possessivo nesta variante, a existência destas duas possibilidades indica que o PB quer se aproxima de fases anteriores do Português e de outras línguas românicas, em que os possessivos são determinantes, quer se aproxima do Português Europeu moderno, em que os possessivos são adjectivos. Como acontece geralmente com mudanças relacionadas com diferenças paramétricas entre línguas, o PB vive um período de co-existência entre “formas em competição”.

O texto está organizado da seguinte maneira: em 1. apresenta-se alguns factores que favorecem a presença/ausência de artigo antes de possessivo em PB; em 2. refere-se um parâmetro de variação entre línguas no que diz respeito aos possessivos; em 3. são apresentadas algumas propostas sobre a estrutura do SN e dos possessivos em particular; em 4. refere-se um conjunto de propriedades dos possessivos em Português, o que justificará a análise que será apresentada em 5.; com base nessa análise, voltar-se-á ao PB em 6.; e em 7. referir-se-ão algumas breves conclusões.

1. A presença /ausência do artigo antes de possessivo em PB

É fácil encontrar exemplos ilustrativos da ausência de artigo definido na presença de possessivo no PB. Veja-se alguns exemplos do PB oral fornecidos em Neves 1993, pp. 149 e 151:¹

¹ No seu trabalho baseado nos inquéritos do Projecto NURC, que, como se sabe, foram realizados ao longo dos anos 70 e podem por isso ser caracterizados por alguma desactualização, Helena Moura Neves afirma que a supressão do artigo antes do possessivo não é tão frequente como se pode pensar à primeira vista. No total de SNs com possessivos, apenas 33,7% não apresentam outro determinante à esquerda; e dos 66,23% dos SNs sobredeterminados (com mais do que um determinante) 98,43% apresentam artigo definido (Neves 1993, p. 207).

- (1) (...) vou fazer minha propaganda.
- (2) Eu não sei teu gosto, né?
- (3) Nossas actividades não seguem mais a cadência um pouco lenta.

Também em revistas com um certo tom de oralidade encontramos exemplos como os seguintes:

- (4) o rejuvenescimento de sua pele... (“Revista Cláudia”, Junho 99, Nº 6, Ano 38).
- (5) Foi com muito gosto que conversei com Elba Ramalho sobre seu novo álbum.
- (6) Elba escolheu o repertório do disco para nos deliciar com canções que marcaram sua presença na MPB. (“Domingo”, 7/Nov/99).

De acordo com o trabalho de Silva e Callou de 1996, há vários factores que determinam a presença / ausência de definido antes de possessivo. Com base em corpora oral e fazendo um tratamento estatístico, as autoras apontam sete factores fundamentais e o comportamento percentual do uso do artigo (pp. 118-124):

I – Paralelismo formal: se existe uma ocorrência com artigo e possessivo numa dada construção no discurso, 88% das ocorrências seguintes em construção semelhante apresentam o artigo antes de possessivo:

- (7) “A sua maneira de agir ... *as suas* necessidades, *o seu* comportamento ... são diferentes.

II – A natureza das preposições (quando existam): *de* aparece com 81% de ocorrências definido e possessivo, *por* com apenas 55% e sem preposição 61%.

III – Quanto às funções sintácticas, o sujeito favorece 67% das ocorrências definido e possessivo, enquanto “antitópico” (deslocamento à direita) justifica apenas 20%.²

IV – A natureza semântica do nome possuído: os nomes que significam “parentes” apresentam 44% das ocorrências definido e possessivo; as “partes do corpo” 83%.

V – Região: as regiões mais conservadoras e mais próximas do português dos séculos XVI e XVII são as que apresentam menos artigos antes de possessivo: Recife e Salvador.

VI – A flexão de número: o singular favorece o artigo; “o plural inibe o uso de artigo”. (p. 123)

VII – Pausa e extensão do pé métrico: o artigo ocorre “preferencialmente nos pés métricos de menor extensão (...)” (p. 124):

² Há contextos que favorecem a ausência de definido antes de Possessivo: o vocativo e a posição predicativa (voltaremos mais tarde a esta questão). Na análise que vai seguir-se vamos pôr de lado a presença / ausência de definidos antes de nomes próprios.

- (8) “Eu / vi que a minha / filha”
 (9) “Eu / vi que minha primeira / filha”.

Depois da apresentação destes factores e destes dados estatísticos, é possível concluir, como o fazem Silva e Callou, que “o uso do artigo obedece a certos princípios” (p. 124).

De qualquer modo, em todos os casos trata-se de formas equivalentes e com o mesmo significado. Quer dizer, embora haja factores que favoreçam o uso de uma ou de outra, há coexistência de duas estruturas linguísticas diferentes mas com o mesmo valor.

2. PE / PB: uma variação paramétrica quanto ao valor dos possessivos?

Dado o paralelo entre exemplos do PB sem artigo e o que se passa em línguas como o Francês e o Inglês podemos colocar como hipótese que o PB se estará a caracterizar por um valor distinto de um parâmetro relacionado com possessivos. E lembramo-nos imediatamente do parâmetro estabelecido por Giorgi & Longobardi 1991.

Com base na diferença entre línguas como o Francês e o Inglês, por um lado, e o Italiano ou o Português, por outro lado:

- (10) (a) my book / * the my book
 (b) mon livre / * le mon livre
 (c) il mio libro
 (d) o meu livro

Giorgi e Longobardi propuseram o seguinte parâmetro de variação, apresentado ainda no quadro da análise clássica do SN: “Os elementos possessivos são sintacticamente especificados para serem realizados na superfície quer como Adjectivos (como em Italiano) quer como Ds (como no Inglês e em Francês).” (p. 155)³

De acordo com este parâmetro, em Inglês e Francês os possessivos são determinantes, enquanto no Italiano e no Português são adjectivos, podendo portanto combinar-se com artigos ou demonstrativos.

A adoptar esta ideia para descrever o que se passa em PB, esta variante estaria a aproximar-se de línguas em que os possessivos são determinantes (não co-ocorrendo com outros determinantes) e a afastar-se do PE moderno, em que os possessivos são adjectivos.

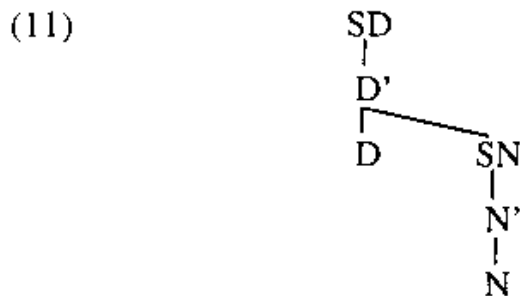
³ Fora do quadro da Gramática Generativa, Lyons 1986 tinha já feito uma distinção entre línguas que têm o genitivo como determinante e línguas em que o genitivo é adjectivo, para dar conta dos dois tipos de línguas referidos por Giorgi e Longobardi. Abney 1987, por sua vez, também propôs que os possessivos, conforme as línguas, são ou não determinantes.

Ora, a aceitarmos esta hipótese, várias observações têm de ser feitas: por um lado, à luz do Programa Minimalista, a ideia de Giorgi e Longobardi requer alguns afinamentos; por outro lado, a situação do PB não pode ser simplesmente descrita por uma perda de artigo antes de possessivo, como vimos anteriormente; por outro lado, a presença de artigo antes de possessivo é uma propriedade recente na história do Português.

No ponto seguinte, faremos algumas considerações teóricas sobre a estrutura sintáctica do SN.

3. Algumas propostas sobre a estrutura do SN e sobre os possessivos em particular

A estrutura do SN tem sido objecto de vários estudos na última década, sobretudo a partir do trabalho de Abney 1987, para o qual qualquer SN referencial contém duas partes, uma lexical e outra funcional. A proposta de Abney é de que D, talvez Q, são categorias funcionais e núcleos de projecções máximas; as categorias funcionais seleccionam uma categoria lexical, o SN propriamente dito, que contém o N e seus argumentos internos, quando se justificam. Para Abney, seria a seguinte a estrutura (simplificada) de SD:⁴

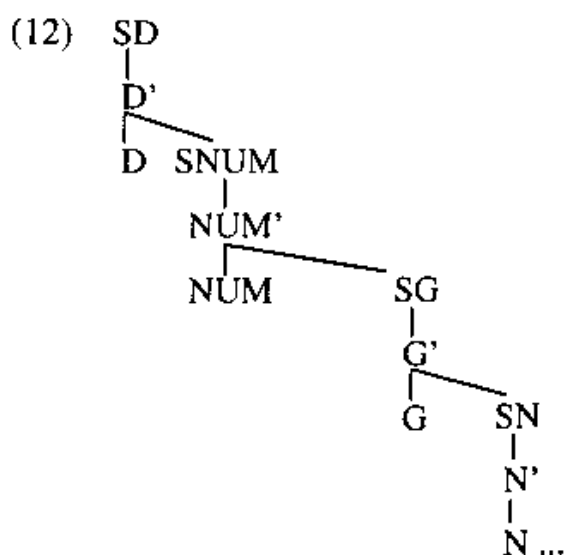


Embora abra amplas perspectivas de análise, a estrutura (11) é ainda insuficiente pois entre os determinantes, por exemplo os artigos e os demonstrativos, e os nomes muitos outros constituintes se podem colocar. É pois de presumir que entre o D e o N outras categorias funcionais sejam justificadas.

Vários fenómenos empíricos, em particular do Hebreu, levaram Ritter 1991 a propor a categoria SNUM(ero); Picallo 1991, por seu lado, propôs a categoria SG(énero). A combinação das duas propostas daria a seguinte estrutura:⁵

⁴ O próprio Abney deixa em aberto a consideração de D como uma categoria próxima de AGR(ement), questão a que voltaremos adiante.

⁵ Subscrita por mim própria em Brito 1992; pelas razões que a seguir torno claras, não adopto esta estrutura actualmente.

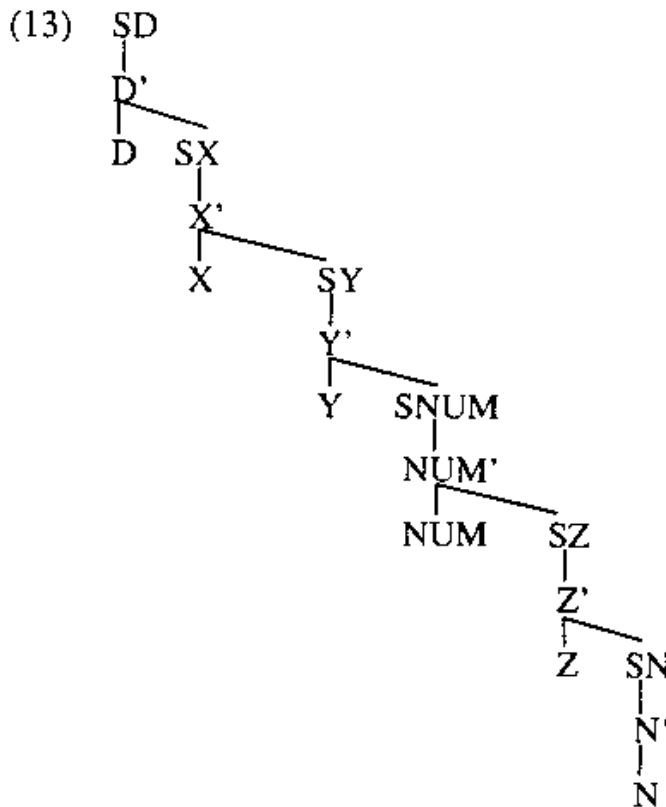


A proposta de Picallo levanta, entre outros, o problema do estatuto do género. O género é considerado uma propriedade morfológica como o número, o que é discutível; de facto, o género é mais uma propriedade lexical do que flexional; o número é uma propriedade morfológica largamente dependente de uma operação sintáctica e por isso mais justificada na estrutura de SD.⁶

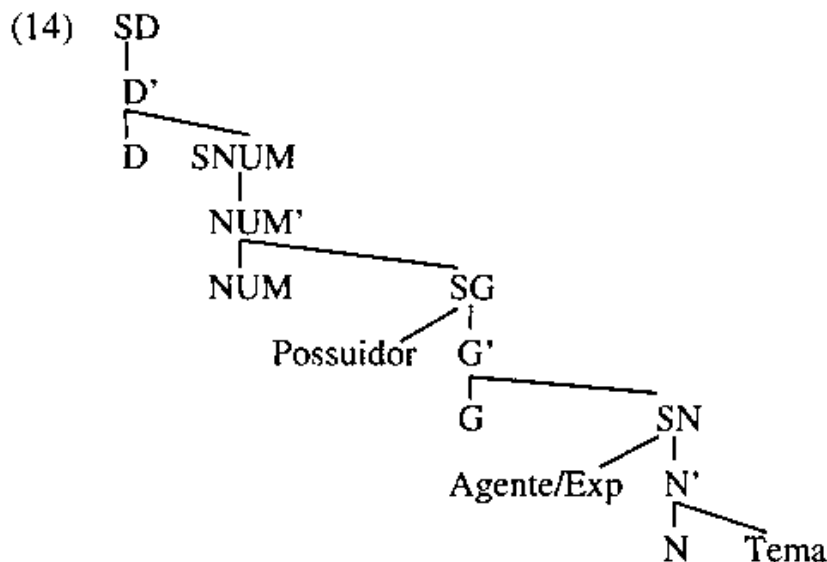
Cinque 1994, Giusti 1997 entre outros e, para o Português, Martinho 1998 propuseram a existência de várias categorias funcionais intermédias entre SD e SN, muitas vezes sem classificarem tais categorias, de modo a darem conta não só de adjectivos qualificativos como de possessivos, quantificadores, numerais, etc.; refira-se ainda que uma tal estrutura é associada à ideia de movimento do N para uma categoria funcional como NUM, movimento esse que poderá operar em certas línguas mas não noutras:⁷

⁶ Ver no mesmo sentido Garcia 1994, p. 90.

⁷ Nos autores citados, esta estrutura anda associada à ideia de que os adjectivos são, em geral, especificadores de categorias funcionais e não adjuntos.



No que diz respeito aos possessivos, não tem havido consenso quanto à sua análise. Picallo propôs que eles podem ser gerados, de acordo com diferentes valores temáticos, nas posições descritas em (14):⁸

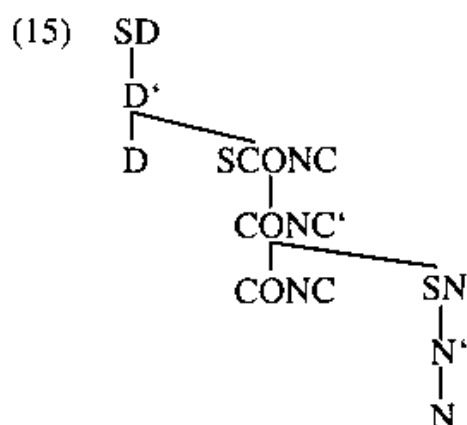


Mas esta hipótese tem alguns problemas, além do já referido a propósito da categoria funcional Género. A possibilidade de gerar os possessivos em posições de Esp das categorias funcionais SNUM e SG, embora capte a existência de hierarquia

⁸ Para dar conta da existência de uma hierarquia de possessivização (ver adiante).

entre os vários valores de possessivos (assunto a que voltaremos mais adiante), não se enquadra bem com a ideia de que os elementos em posição de Esp deverão ter alguma relação com a natureza dos núcleos.

Uma proposta alternativa, baseada em Szabolcsi 1983, em Dobrovie-Sorin 1987 e no próprio Abney 1987 desenvolve o paralelismo entre a categoria SD e a F e baseia-se na possibilidade de gerar os possessivos sob SCONC (SAGR), pelo facto de este tipo de palavras estar estreitamente ligado à expressão da pessoa gramatical (independentemente de outras categorias funcionais surgirem na configuração).⁹ Como se compreende, esta proposta não dispensa a adopção de mecanismos que permitam diferenciar as línguas no que diz respeito aos possessivos:



Zribi-Hertz 1999, estudando essencialmente o Francês, tenta uma conciliação destas várias propostas. Começando por parecer adoptar a proposta de Picallo, a autora distancia-se dela e acaba por propor uma análise no quadro do modelo da "Morfologia Distribuída". Este modelo defende que a componente morfológica intervém no output da Sintaxe para redistribuir os traços funcionais antes do "spell-out" fonológico. Deste modo, os possessivos são concebidos não como itens lexicais previamente existentes no Léxico mas como uma colagem de informações funcionais geradas em diversas posições sintácticas: D [+/- def.]; CONC (traço de pessoa), NUM (traço de número) e N (a que é inerente um traço de género). Voltaremos a alguns pormenores desta análise um pouco mais adiante.

4. Alguns comportamentos dos possessivos em Português

Antes de desenvolver uma análise sintáctica dos possessivos em Português, vale a pena recordar algumas propriedades deste tipo de elementos.

⁹ Esta proposta é subscrita por Brito 1990 e Cerqueira 1993 para o Português, Holmberg & Sandstrom 1996 para as línguas escandinavas, Giusti 1997 para o Italiano, Zribi-Hertz 1999 para o Francês (embora esta última adopte também NUM), Sánchez-Lefebvre 1997/8 para o Espanhol. Martinho 1998 e Brito 1999 referem-se a SPOSS.

A – Os possessivos são intrinsecamente ligados à expressão das pessoas gramaticais, daí o seu valor dítico.

B – Os possessivos têm valor lexical porque exprimem interpretações de Possuidor (Poss), Tema, Agente ou outros (sujeitas a restrições, como veremos adiante); mas têm igualmente valor funcional porque lhes estão associados traços de número e género; daí o seu valor misto lexical-funcional.

C – Os possessivos têm caso genitivo inerente.¹⁰

D – Em Português e ao contrário de outras línguas os possessivos não têm formas distintas quando são “adjectivos” (*os meus livros*) ou quando são “pronominais” (*os meus*), para usar as designações tradicionais, o que implica que a distinção entre o carácter forte e o carácter fraco dos possessivos talvez não faça sentido em Português.¹¹

E – Os possessivos podem ocupar, de acordo com certas restrições contextuais, a posição pré-nominal e a posição pós-nominal.

F – Os possessivos não têm valor intrínseco de definitude, podendo, por isso, quer em PE quer em PB, combinar-se quer com artigo definido quer com artigo indefinido.

G – Os possessivos, quando em posição pré-nominal, podem variar a sua posição relativamente a outros especificadores nominais; veja-se por exemplo:

- (16) (a) Os meus outros três livros
 (b) Os outros meus três livros
 (c) Os três meus outros livros
 (d) Os meus três outros livros.

Estas últimas propriedades vão agora merecer-nos um maior desenvolvimento, pois são elas que justificarão a análise que iremos propor.

Em primeiro lugar, uma reflexão acerca do estatuto forte ou fraco dos possessivos e acerca da sua natureza categorial. Já dissemos que, no Português moderno, as formas dos possessivos são idênticas quando usadas como “pronomes”, não seguidas de Nome, e quando usadas seguidas de Nome, como “adjectivos”.

¹⁰ O que não significa que o SD em que os possessivos se inserem não tenha caso próprio. O Alemão, por exemplo, marca diferentemente os possessivos conforme as funções sintáticas de todo o SD. Como nota Sánchez-Lefebvre 1997/8, em *Sie liest seinen Vortrag*, o possessivo está no acusativo, mas já em *Sein Vortrag ist sehr interessant*, o possessivo está em nominativo.

¹¹ Esta situação é distinta do que se passava no Português Arcaico (PA). De facto, no PA ainda existiam as formas átonas *mha*, *miá* ou *ma*, *ta*, *sa* e respectivos plurais quando precediam os Nomes e as formas tónicas *mia* (depois *minha*), *tua*, *sua* e respectivos plurais quando seguiam os Nomes ou quando havia elipse nominal. (Para um estudo das ocorrências destas formas n’ *Os diálogos de São Gregório*, que servem de corpus às *Estruturas Trecentistas* de Rosa Virgínia Mattos e Silva ver as pp. 174-185 desta obra, em especial a p. 183). Esta autora mostra que, no corpus, quando o possessivo é usado na “função substantiva”, isto é, com elipse nominal, o artigo definido está presente; com Nome expresso a tendência é para ausência do artigo.

Os possessivos legitimam a elipse nominal, quer precedidos ou não de artigo:

- (17) (a) Os meus e os teus estão aqui.
 (b) Eu vi teus e meus.
 (c) São meus.

Em posição pós-nominal, mais especificamente depois de complementos do Nome, parecem receber uma acentuação mais forte do que em posição pré-nominal:

- (18) uns livros de histórias meus...

Na posição de deslocação à esquerda e em respostas a interrogativas não podem vir isolados:

- (19) (a) Os meus, os meus são ótimos.
 (b) * Meus, os meus são ótimos.
 (c) Viste quais? * Meus.

Quer dizer, os dados apontados mostram que em Português moderno, apesar de existirem algumas restrições quanto ao uso dos possessivos e apesar de globalmente parecerem ser formas fortes talvez não faça sentido falar em formas fortes e fracas. Do ponto de vista categorial, o que parece é que são SNs, projecções máximas e não núcleos. Veremos que o estudo que vai seguir-se confirma esta hipótese.

Analisemos agora os problemas relacionados com a posição em relação ao Nome. Como se sabe, a posição pré-nominal do possessivo ocorre em geral com artigos definidos e demonstrativos; em PB e como é ilustrado pelos exemplos (1) a (9), embora por vezes o artigo definido não esteja presente, o valor é de definitude, por todo o contexto, e em particular, pela própria natureza do núcleo lexical.¹²

Poderia, à primeira vista, pensar-se que a posição pré-nominal em PB equivale a definitude, como nos exemplos (1)-(3):¹³

¹² A existência de artigos definidos, mesmo quando há um valor implícito de definitude, não é um universal das línguas; na ausência de artigos definidos, os valores de individuação e de determinação são dados por outros meios linguísticos. Deste modo, compreende-se que a presença de artigos definidos esteja sujeita a alguma variação mesmo no interior das línguas que os contêm, esperando-se que os seus valores sejam realizados de outro modo (por exemplo, pela natureza dos núcleos nominais).

¹³ Picallo & Rigau 1999, analisando o Espanhol, que não admite artigo definido com a forma fraca do possessivo anteposta ao nome (**la mi silla*) e tem o contraste *mi silla, la silla mia* consideram que "el posesivo anteposto impone un efecto de definitud en el sintagma nominal en el que aparece" (p. 977); para fundamentar a sua proposta mostram que o possessivo anteposto ao nome é tão agramatical como as expressões com artigo definido em frases existenciais: **en el jardín sólo había mi silla*; **en el aula sólo había el profesor* (p. 978). Em Português o chamado "efeito de definitude" é muito menos restritivo do que noutras línguas, podendo existir expressões definidas em frases existenciais e apresentativas: *na aula (só) havia o professor*; *no jardim estava (só) a minha cadeira*.

- (1) (...) vou fazer minha propaganda
- (2) Eu não sei teu gosto, né?
- (3) Nossas actividades não seguem mais a cadência um pouco lenta.

No entanto, como Mattoso Câmara 1968 tinha já notado¹⁴ e como reafirma Muller 1997, p. 164, em posição predicativa temos anteposição tanto em PE como em PB sem que isso corresponda a definitude:¹⁵

- (20) (a) Eu considero Carlos meu inimigo.
- (b) ?? Eu considero Carlos o meu inimigo.

Por sua vez, a posição pós-nominal do possessivo acontece geralmente com indefinidos, cardinais, interrogativos:¹⁶

- (21) (a) um livro meu
- (b) alguns livros meus
- (c) cinco livros meus
- (d) quantos livros meus encontraste?

A posição pós-nominal do possessivo parece assim relacionada com certo tipo de quantificadores.

Se observarmos com atenção, os possessivos pós-nominais não são homogêneos; em (22), com um N icónico e com a interpretação de objecto, o possessivo é um argumento interno do nome, não podendo co-ocorrer com um genitivo adnominal com a mesma interpretação (veja-se 22b)):

- (22) (a) uma fotografia tua / de ti
- Tema
- (b) * uma fotografia tua (= de ti) de Paris
- Tema Tema

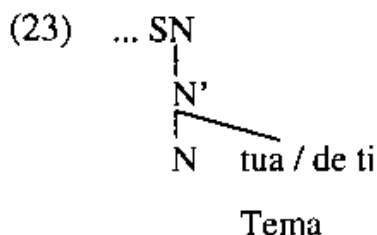
Nestas condições, o possessivo é gerado em N', na posição de um argumento interno:¹⁷

¹⁴ Mattoso Câmara: "O possessivo não tem, necessariamente função de partícula definida e, especialmente em função predicativa, precisa de artigo para isso", *apud* Silva e Callou 1996, p. 120.

¹⁵ Nas frases predicativas há um SN e não um SDET (Cf. Longobardi 1994). Voltaremos adiante a esta distinção.

¹⁶ Não é absolutamente obrigatório o uso pós-nominal do possessivo nestas circunstâncias, como mostra a gramaticalidade dos seguintes exemplos: *uma minha amiga saiu de casa; três meus amigos telefonaram-me*. Note-se que no PA era relativamente frequente a anteposição do possessivo mesmo com indefinidos; vejam-se os seguintes exemplos fornecidos por Mattos e Silva 1989, p. 183: *huu nosso meniho; alguu seu discipolo*.

¹⁷ Cf. Brito 1990.



Em posição pós-nominal mas na interpretação de Poss ou de Agente, como em (24a):

- (24) (a) uma fotografia tua (\neq de ti)
 Poss / Agente

já não se justifica a mesma análise; por um lado, podemos ter o possessivo antes do argumento interno do N, como em (24b) e (25a) e depois do argumento interno, como em (24c) e (25b):

- (b) uma fotografia tua (\neq de ti) de Paris
 Poss / Agente

- (c) uma fotografia de Paris tua

Tema Poss / Agente

- (25) (a) um livro meu de histórias
 Poss / Agente Tema

- (b) um livro de histórias meu
 Tema Poss / Agente

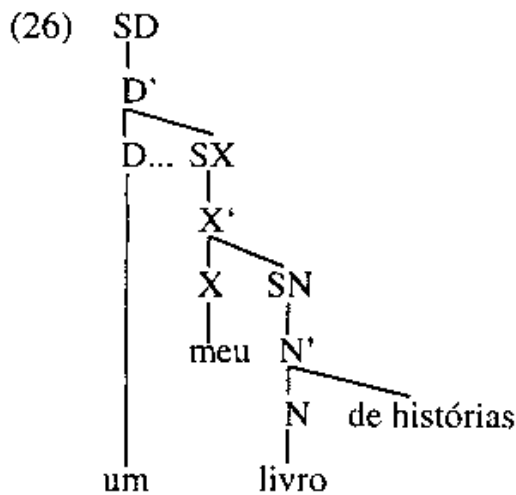
Estas duas possibilidades permitem-nos colocar como hipótese que o possessivo com valor de Poss ou de Agente ocupa num nível básico uma de duas posições: uma posição em Esp de SN ou uma posição pós-SN, presumivelmente de adjunto a SN.¹⁸

Tomemos de novo o exemplo (25a):

- (25) (a) um livro meu de histórias

Não tomando ainda posição sobre toda a estrutura, é possível propor que, em (25a), *meu* ocupa a posição de Esp de SN:

¹⁸ Uma alternativa à adjunção à direita a SN é a existência de uma "oração pequena", uma estrutura sujeito-predicado, sugerida por exemplo por Miguel 1992, Cerqueira 1996, entre outros. Embora não vá desenvolver aqui a questão, a ideia de que há adjectivos numa posição que pode ser de adjunção a SN ou numa oração pequena põe em causa a proposta de se obter a posição pós-nominal de todo e qualquer adjectivo por movimento do N para a esquerda; só para certo tipo de adjectivos (os temáticos, por exemplo) essa ideia é correcta (ver Cinque 1994, Brito 1993, Martinho 1998).

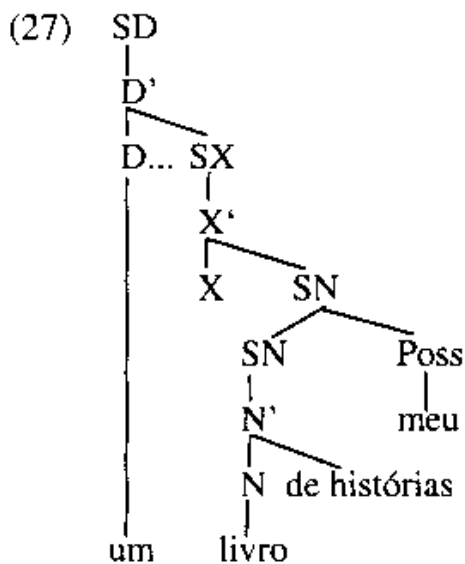


Articulando esta hipótese com o movimento do N para uma categoria funcional que para já designaremos como SX, obtem-se a ordem final *um livro meu de histórias*.

Por outro lado, o possessivo pode ocupar uma posição não só pós-nominal como pós-argumento interno do N, como adjunto a SN, como em (25b), aqui repetido:

(25) (b) *um livro de histórias meu*

Na hipótese de adjunção do possessivo a SN, à direita, a estrutura de (25b) será então como é descrito em (27):



Esta possibilidade aproxima os possessivos pós-SN de adjectivos qualificativos predicativos:

(25) (c) *um livro de histórias antigo*
 (d) *um livro de histórias meu antigo*.

Por razões semânticas é também importante distinguir os possessivos antepostos dos possessivos pospostos, em particular os que seguem um argumento interno do N.

Independentemente dos valores temáticos, é possível aplicar aos possessivos uma distinção paralela à que Demonte 1999 e muitos outros propuseram entre adjectivos restritivos (necessariamente pós-nominais) e não restritivos (necessariamente pré-nominais).¹⁹ Tal distinção, embora com terminologia diferente mas equivalente, já foi apresentada para os possessivos por Muller 1997, que fala em “papel predicativo, atributivo” do possessivo posposto e de “papel delimitador, determinante” do possessivo anteposto ao núcleo nominal.

Assim, em (28a) ou (b):

- (28) (a) alguns livros de histórias meus
(b) um livro de histórias meu

meu / meus tem valor de modificador restritivo (equivalente a *que é meu e não de outra pessoa qualquer*); em termos conjuntistas, poderíamos dizer que *meu / meus* é uma função que projecta um dado conjunto (*livros de histórias*) num subconjunto formado pelos livros que me pertencem (Móia 1993, p. 40). Enquanto em (28c) e (d):

- (c) o meu livro de histórias
(d) os meus livros de histórias

meu / meus acrescentam à função denotativa do SD *o livro de histórias, os livros de histórias* outras informações (deictica, possessiva).²⁰

Outro fenómeno a ter em conta quando se trata de entender as posições dos possessivos é o facto de existir uma hierarquia entre eles.²¹

Sabemos, por exemplo, que na presença de um complemento genitivo adnominal e de um possessivo pré-nominal, as interpretações dos dois constituintes estão sujeitas a restrições: se o possessivo significa Poss ou Agente, o genitivo é interpretado como Tema ou Agente, mas não é muito natural uma leitura Agente ... Poss, como se descreve em (29):

¹⁹ Cf. Demonte 1999, em particular pp. 146-149 e 3.5.2..

²⁰ A distinção restritivo / não restritivo é também aplicável aos possessivos pospostos e pré-postos imediatamente em relação ao N como em *uns livros meus, uns livros meus de histórias* e *os meus livros, os meus livros de histórias*; no primeiro caso, o possessivo parece estar em Esp de SN e não adjunto à direita de SN, sendo a ordem obtida simplesmente por movimento do N, o que explica a posição final do complemento. Quer dizer, a leitura restritiva, predicativa do possessivo não parece estar necessariamente ligada à adjunção a SN; desde que o possessivo “acabe” posposto ao N essa interpretação torna-se possível.

²¹ Cf. Milner 1982, Cinque 1980, Brito 1984, 1997, Muller 1997, entre outros.

- (29) (a) o teu livro do Douro
 Poss / Agente Tema
 (b) o teu livro da Helena
 Poss Agente
 ?? Agente Poss

Na presença de dois possessivos, o que pode acontecer com nomes icónicos, as interpretações estão também sujeitas a restrições, como se mostra em (30):

- (30) a minha fotografia tua
 Poss Tema
 Agente Tema
 ? Tema Poss
 ? Tema Agente

Dados de ligação confirmam igualmente a existência de uma hierarquia:²²

- (31) (a) a fotografia de si próprio do Wharol
 Tema Agente / Poss
 (b) * a fotografia de si próprio do Wharol
 Poss Tema / Agente

Por seu lado, dados de extracção a partir do SN por Movimento Q revelam a existência de hierarquia e de restrições (embora aqui entrem outros factores, como a natureza interna do constituinte interrogado ou relativizado):²³

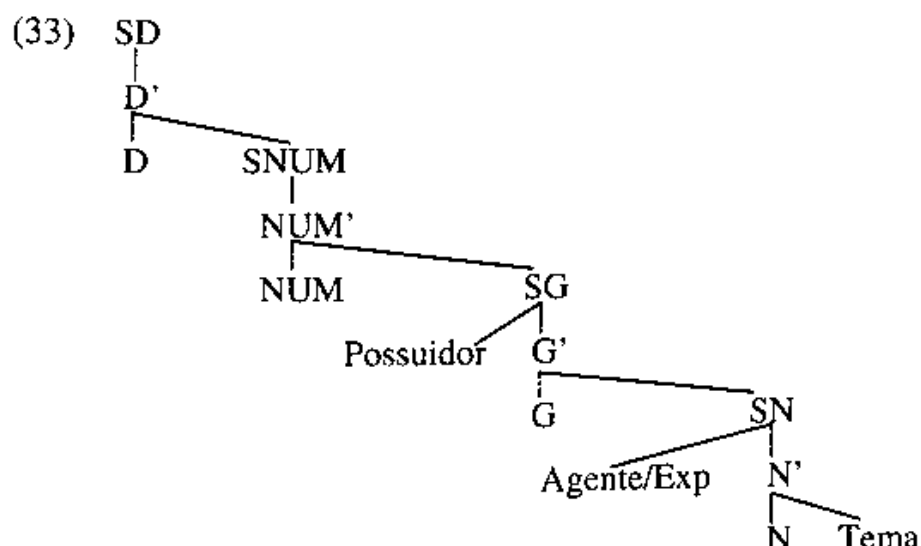
- (32) (a) ? De é que acabaste de ver o desenho de Júlio Resende?
 Tema Agente
 (b) ? De que é que acabaste de ver o seu desenho?
 Tema Agente / Poss
 (c) De quem é que acabaste de ver o desenho do Douro?
 Agente / Poss Tema

A existência de uma hierarquia Poss > Agente > Tema conduziu a propostas de existência de posições estruturais específicas para cada uma destas interpretações e à ideia de que o possuidor é projectado numa posição mais alta, c-comandando os outros possessivos.

A eventualidade de existirem duas categorias funcionais entre SD e SN, nomeadamente SNUM e SG, levou Picallo 1991 a propor que os possessivos são gerados nas posições descritas na estrutura (14), aqui renumerada como (33):

²² Este tipo de construções põe interessantes problemas quanto à ordem dos constituintes, mas não vamos aqui explorar essa questão.

²³ Para maior desenvolvimento ver Brito 1997.



Mas esta hipótese tem alguns problemas, como já tínhamos visto anteriormente, razão pela qual vamos propor uma análise alternativa.

5. Uma análise sintáctica do SD contendo possessivos em PE

O tratamento a propor baseia-se na ideia de que os possessivos são projectados em SN, isto é, na parte lexical de SD, de acordo com a hierarquia referida, sendo a ordem final obtida por movimento.

Já vimos existir uma diferença entre o possessivo que é argumento interno na posição de complemento, em N', com a relação temática de Objecto ou Tema, e os possessivos que têm outros valores temáticos (nomeadamente de Poss e de Agente) e que podem surgir em posições diversas: pré e pós-nominal, antes e depois de argumentos internos, antes e depois de outros especificadores nominais.

Esta variabilidade de posições sugere uma análise que faz uso da noção de movimento mas que igualmente parte de outros pressupostos, nomeadamente da distinção entre possessivos como determinantes e possessivos como adjetivos ou modificadores e da distinção entre formas fortes e fracas, o que, em termos sintácticos, parece corresponder à distinção entre projecções máximas (SN) e núcleos (D), como veremos.

Antes de explorar a análise para o Português, tomemos o caso de uma língua como o Espanhol, em que as formas pós-nominais são formas fortes como *mios*, *tuyos*, *suyos*. Em (34a), por exemplo:

(34) (a) los libros (de novelas) *mios*

não há qualquer movimento do possessivo nem tal seria motivado; o possessivo é gerado numa posição pós-nominal, de adjunção a SN.

Se fosse gerada a forma fraca *mis*, como em (34b):

(b) * los libros mis

a construção seria rejeitada; em contrapartida (34c), com a mesma forma fraca em posição pré-nominal, é bem formado, podendo inclusivamente ser seguido de outros especificadores nominais:

(c) mis (otros) libros.

Tal sugere que, enquanto em (34a) não há qualquer movimento, em (34c) houve movimento obrigatório do possessivo *mis*, forma fraca e de núcleo, de uma posição em SN para D.

O mesmo acontece noutras línguas que têm uma clara distinção entre formas fracas e fortes, entre formas de Ds e formas pronominais (SNs), como é o caso do Inglês e do Francês.

Quando fracas, são núcleos (como em *my books*, *mes livres*), são gerados numa posição em SN (como Esp de SN?) e movem-se. Tal movimento parece dar-se em duas fases e com motivações diferentes. De forma a verificarem o seu traço de pessoa movem-se para a categoria funcional que acima designei SX e que parece ser de uma natureza próxima da Concordância na Frase, isto é, SCONC.²⁴ Por seu lado, por terem o traço forte de D e por serem formas fracas, movem-se para D para verificarem esse traço e talvez, associadamente, para tornar visível o seu papel temático.²⁵ Repare-se que dado que, nas línguas que tenho estado a considerar, os possessivos têm caso genitivo “por defeito”, não é a verificação de caso a motivação para o movimento.²⁶

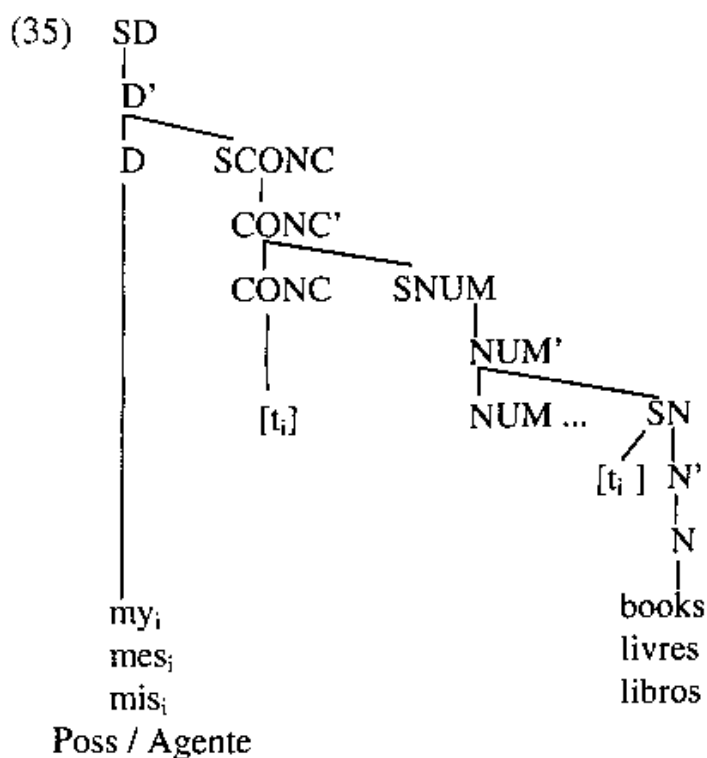
A estrutura acima sugerida para *my books*, *mes livres*, *mis libros* é descrita em (35):²⁷

²⁴ Cf. Sánchez-Lefebvre 1997-98. Sobre SCONC no SN veja-se as referências indicadas na nota 9 deste texto.

²⁵ Cardinaletti e Starke 1993 e Kato 2000.

²⁶ Note-se ainda que o Português arcaico e marginalmente o Português moderno têm casos de reduplicação (*seu ... dele*), o que reforça a ideia de que há mais do que uma posição para possessivos e de que não é a verificação de caso genitivo a motivação do movimento para uma posição pré-nominal.

²⁷ Esta estrutura comum não impede que haja diferenças entre as línguas referidas; assim, em Inglês, não há movimento de N para NUM; em francês e em espanhol há movimento do N para NUM.

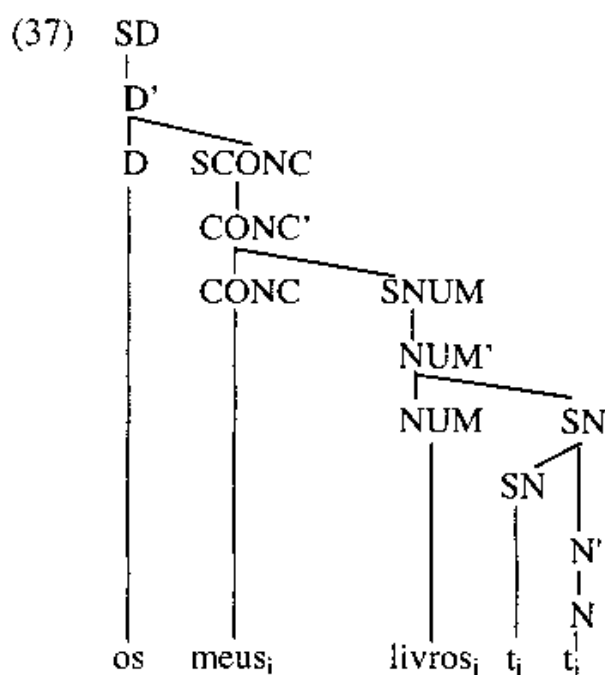


Noutras línguas, como em Italiano e em Português, os possessivos co-ocorrem com núcleos em D (artigos e demonstrativos); quer dizer, têm comportamento de adjetivos:

(36) os meus livros; gli miei libri.

Sendo projecções máximas SN, são gerados numa posição de Esp em SN, de acordo com a hierarquia já assinalada, e movem-se para Esp de SCONC para aí verificarem traços de pessoa; mas ao contrário das línguas em que os possessivos são Ds, nestas o traço de D dos possessivos é fraco e por isso permanecem em CONC, o que explica a co-ocorrência com os artigos.

A estrutura em (37) descreve o movimento do N e do possessivo:



Quanto a exemplos como o seguinte:

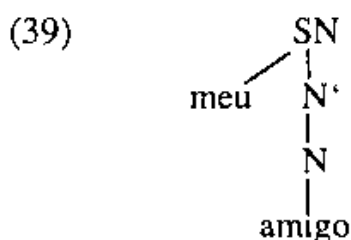
(28) (a) alguns livros de histórias meus

Em (28a) *meus*, por ocupar uma posição de adjunção a SN, não é movido e permanece *in situ*.

Como se sabe, há em Português expressões nominais que não contêm artigo antes de possessivo; trata-se de expressões não referenciais que surgem em frases predicativas e em vocativos:

(38) (a) O João é meu amigo.
(b) Minha filha, vem cá.

De acordo com Longobardi 94, estamos aqui em presença de SNs e não de SDs; o possessivo é projectado em posição de Esp de SN e aí permanece, dado que não há qualquer outra posição disponível para ele.²⁸



²⁸ Nesse caso, talvez se possa dizer que o traço de pessoa dos possessivos é pragmaticamente legitimado.

Repare-se que, em posição predicativa, o possessivo pode inclusivamente ser modificado por um advérbio de tipo quantitativo:

(40) Ela é muito minha amiga.

Quer dizer, estas expressões têm uma estrutura própria mas que não colide com os princípios orientadores da análise anteriormente sugerida.

Mas regressemos às expressões referenciais, sintacticamente SDs, com possessivos.

Uma confirmação da análise esboçada, em particular da existência de uma categoria funcional para além de D para albergar os possessivos, é a ocorrência de exemplos como os seguintes, em que há material lexical, como o advérbio *ainda*, entre o artigo definido e o possessivo:²⁹

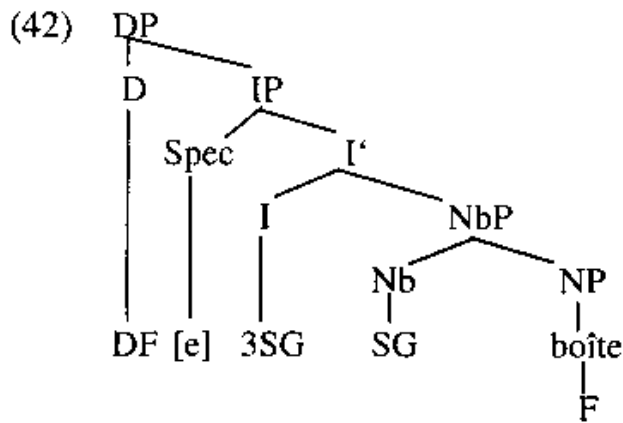
- (41) (a) a ainda minha mulher
(b) o ainda meu andar
(c) a já sua noiva

Com efeito, o advérbio *ainda* é um adjunto da categoria intermédia que contém o possessivo, não se confundindo com advérbios quantitativos como o do exemplo (40).

Refira-se igualmente que a possibilidade evidenciada por exemplos como (41) põe em causa um tratamento dos possessivos de acordo com o modelo de Morfologia Distribuída adoptado por Zribi-Hertz 1999 para o Francês. A autora considera, como acima já foi referido, que os possessivos não são itens lexicais previamente existentes no Léxico mas são uma colagem de informações funcionais geradas em diversas posições sintáticas: D [+/- def.]; CONC (traço de pessoa), NUM (traço de número) e N (a que é inerente um traço de género). Por essa razão, a autora pode atribuir aos possessivos determinantes, as formas fracas *mon, ton, son*, obrigatoriamente usados com um N e aos possessivos adjectivais, as formas fortes *les miens, les tiens, les siens*, que se usam em situação de elipse nominal, a mesma estrutura sintáctica.

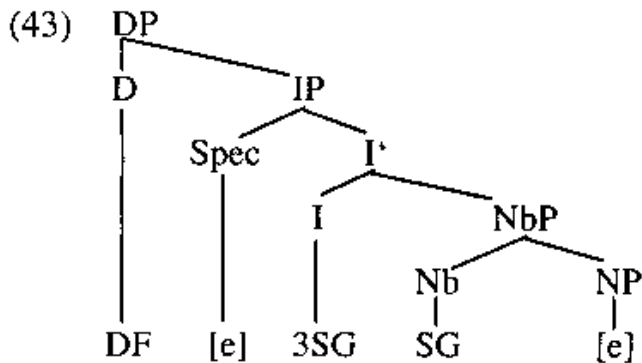
Assim, de acordo com a autora, as representações sintáticas de *sa boîte* e *la sienne* só diferem na presença / ausência do N; a estrutura que propõe para dar conta de *sa boîte* é a seguinte (p. 12):

²⁹ Os juízos de gramaticalidade aqui expressos colidem com os de Ana Castro (neste volume), que partindo de exemplos com advérbios como *ainda não* e outros rebate a análise que defendo em Brito 1999 segundo a qual existe uma categoria funcional para albergar os possessivos; para a autora, os possessivos em Português são Determinantes e quando surge um artigo definido ele é expletivo. Refira-se que os exemplos de (41) foram considerados gramaticais por diversos falantes que consultei.



Sobre esta estrutura actuam, além do movimento de N e da cópia dos traços de Género do N sobre D, uma operação morfológica de adjunção que liga o traço de Pessoa do núcleo I ao traço [+ definido] de D e uma operação de empobrecimento que apaga o traço [+ definido] em D na presença do traço de pessoa.

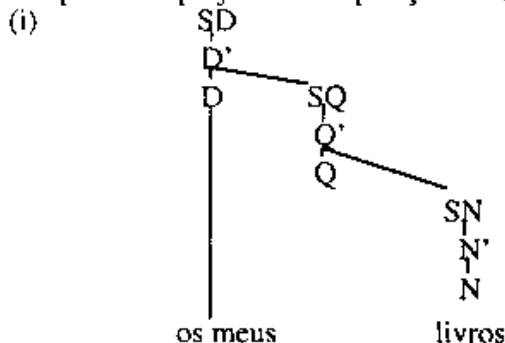
Por sua vez, *la sienne* tem a estrutura representada em (43) (p. 18):



As informações sintáticas que constam de (43) são então submetidas a operações morfológicas que as realizam como *la sienne*.

Sem discutir aqui a adequação deste tratamento para o Francês, ele é inadequado para uma língua como o Português; de facto, se é possível exprimir algum material lexical entre artigos definidos e possessivos, estes deverão ser encarados como itens lexicais independentes e não como meras realizações “superficiais” de traços sintáticos, porque tais operações morfológicas exigem adjacência.³⁰

³⁰ Parece-nos ser igualmente de rejeitar a análise de Muller 97: partindo da correlação indefinido / possessivo posposto e definido / possessivo anteposto, a autora coloca a hipótese de o possessivo anteposto ser projectado na posição de Q:



6. O PB revisitado: duas gramáticas em competição?

Vejamos então o que poderá estar a acontecer no PB.

Vimos através de exemplos como (1)-(9) que há duas construções possíveis em PB no que diz respeito aos possessivos: a construção sem artigo definido antes de possessivo, mesmo quando se trata de expressões referenciais com valor de definitude, e uma construção com artigo.

Sugerimos logo de início que tal fenómeno se poderia relacionar com um parâmetro de variação entre tipos de línguas, segundo o qual há línguas em que os possessivos são determinantes e outras línguas em que são adjectivos.

À luz da análise aqui esboçada, é possível dizer que em PB os possessivos, sendo determinantes, ou têm um traço forte de D e movem-se até à própria posição de D, não co-ocorrendo com o artigo definido; ou têm um traço fraco de D e nesse caso movem-se apenas até à posição de Esp de SCONC, co-ocorrendo com artigo definido ou demonstrativo, isto é, são adjectivos.

Quer dizer, há uma situação típica de “gramáticas em competição”: uma gramática mais conservadora, porque mais próxima da fase arcaica do Português e de outras línguas românicas como o Francês e o Espanhol, uma gramática que não usa artigo antes de possessivo; e uma gramática mais inovadora, que usa artigo antes de possessivo e se aproxima do Português Europeu moderno e do Italiano.

Esta coexistência de duas formas distintas é também visível em relação a outros fenómenos, como acontece com o emprego de *seu* e *dele*, mas neste caso não se trata de formas equivalentes.

Tem sido notado na bibliografia que o possessivo *seu* tem vindo a perder uso no PB, em detrimento de *dele*. Para explicar este fenómeno, têm sido fornecidos vários tipos de explicações.³¹

No quadro da Gramática Generativa, Cerqueira 1993 afirma que “o uso quase categórico da forma *dele* em lugar de *seu* na indicação de posse reflete uma mudança no sistema flexional do PB, que se caracteriza, nesse caso, pela perda da especificação da pessoa gramatical, com reflexos evidentes em outras partes da gramática, tais como, no paradigma da flexão verbal e no sistema de clíticos”. (p. 153) Quer dizer, segundo o autor, haveria um sistema de concordância reduzido ou defectivo, que mantém ainda a especificação da primeira e segunda pessoas gramaticais (*meu*,

Mas o facto de um exemplo como *uma minha tia* ser possível, exemplo que a autora, aliás, comenta, invalida a análise proposta, pois não parece que o cardinal ocupe uma posição distinta da dos indefinidos. Mais adiante, ao formular a hipótese de os possessivos se moverem, aponta como razão o facto de os possessivos serem marcados pelo traço [+operador], mas não penso que tal traço se ajuste a estes elementos. Em alternativa, parece que é o facto de terem de verificar o traço de pessoa (movimento para CONC) ou de terem de verificar o seu traço de D (movimento para D), talvez associado à natureza de pronomes fracos que motiva o(s) movimento(s).

³¹ Muller 1997 (p. 97) refere bibliografia funcionalista, em que a explicação do declínio de *seu* é a sua ambiguidade; demarca-se no entanto dessa explicação por achar que o aumento da ambiguidade acompanhou algumas mudanças ocorridas no PB, como é o caso do enfraquecimento da concordância verbal.

seu), mas com perda da distinção entre segunda e terceira pessoa. Neste sentido, a perda de *seu* em detrimento de *dele* estaria relacionada com a perda do valor positivo do Parâmetro do Sujeito Nulo, que está a caracterizar o PB.

Mas vários autores, entre eles Muller 97, têm vindo a mostrar, de forma convincente, que não se trata de desaparecimento da forma *seu* mas sim da especialização de *seu* e *dele* em valores distintos: *seu* é preferencialmente usado como “variável presa”, como “pronomes ligados” por um antecedente quantificado³², enquanto *dele* é usado para exprimir a co-referência, tendo como antecedente uma expressão não quantificada.³³

Os exemplos (44) a (47) são ilustrativos destes dois usos distintos:

- (44) a rapariga encontrou a mãe dela / ? sua mãe
 (45) “... o Ziembinski apresentou em toda a vida dele na carreira dele” (NURC/SP-161 in Muller 1997, p. 4) / ? na sua carreira / ? em sua carreira
 (46) “tem que cada um pagar sua lancheira” / * dela (NURC/SP-360 in Neves 1993)
 (47) “aquilo que a gente vê em filmes ou em fotografias: todo mundo ali à beira da calçada tomando seu chopos tomando sua cerveja” (NURC/SP-137 in Muller 1997, p. 9) / * os chopos deles / * a cerveja deles

Embora em diversos trabalhos seja referido que a escolha de *dele* anafórico de uma expressão nominal não quantificada ainda pode apresentar algumas oscilações e surgir *seu* de acordo com tipos de determinação do antecedente (ver Neves 1993, Muller 1997, Kato 2000), com o uso de *seu*, tendo como antecedente uma expressão quantificada, não há dúvidas. Neves afirma explicitamente, com base nos dados do Projecto NURC, que há “100% de ocorrências de *seu* em referência a *cada um*” (p. 162).³⁴

Quer dizer, as pesquisas efectuadas mostram que *seu* e *dele* não são no geral formas equivalentes e por conseguinte não estão em competição.

De acordo com Kroch 1989 e Sprouse & Vance 1999, as formas em competição são as que têm exactamente o mesmo sentido; pelo contrário, as formas que não são sinónimas não estão em competição. Do ponto de vista da história das línguas, são as formas em competição que mais facilmente podem ser objecto de uma

³² Note-se no entanto que em discursos escritos com marcas de oralidade, como são as entrevistas, há usos de *seu* com valor de co-referência. É o que acontece frequentemente em textos da Revista *Domingo*; na entrevista de Glorinha Buettenmuller a Angel Vianna podemos encontrar exemplos como o seguinte: “sua alegria e cordialidade manifestam-se”, em que *sua* remete para Angel Viana, referido no discurso anterior.

³³ Quando a interpretação é de segunda pessoa, *seu* / *sua* é, como se espera, a forma privilegiada: *o rejuvenescimento da sua pele, sua pele fica mais macia, você tem à sua disposição..., o seu chefe está ao telefone.*

³⁴ Kato refere, no entanto, que nas camadas jovens podem surgir antecedentes *todo o mundo* com *dele*.

mudança e da intervenção de um valor positivo ou negativo de um parâmetro (é o que acontece com o sujeito nulo e o não nulo); quanto às formas que não estão em competição, que não são equivalentes do ponto de vista semântico, espera-se que persistam ambas e que não sejam atingidas pelo processo de mudança. Assim sendo, *seu* não é concorrente de *dele* e espera-se que ambas as formas persistam, com os respectivos valores.

7. Conclusões

Neste trabalho procurei repensar o fenómeno da presença / ausência de artigo definido antes de possessivo no PB à luz do parâmetro sobre possessivos apresentado por Giorgi & Longobardi 91 e tendo em conta desenvolvimentos recentes da estrutura sintáctica do SD.

Coloquei como hipótese que em PB o possessivo ou é projectado como determinante, aproximando-se do que acontecia no Português Arcaico e nos séculos em que se dá a colonização, e também do Francês e do Espanhol; ou é projectado como adjectivo, aproximando-se do Português Europeu moderno e também do Italiano.

Tendo feito uma análise da categoria SD dentro do espírito do Programa Minimalista, foi possível propor que, quando são determinantes, os possessivos têm de se mover para uma posição de D para verificarem o seu traço forte; quando se realizam como adjectivos, o traço de D dos possessivos é fraco; há igualmente movimento mas esse movimento é menor e por isso ocupam uma posição de Esp de uma categoria funcional intermédia, SCONC; são, no fundo, adjectivos.

Para reforçar a ideia de que as construções com presença e ausência de artigo e possessivo são formas equivalentes em PB, representando duas “gramáticas em competição” e portanto sujeitas a mudança, estabeleci um paralelo com o uso de *seu* e *dele*. Estas duas formas não são equivalentes e portanto não estão em competição; nessas circunstâncias espera-se que subsistam na história do português do Brasil.

Referências

- Abney, S. 1987 *The English Noun Phrase in its Sentential Aspect*, Ph. D. Diss., MIT.
- Brito, A. M. 1984 “Sobre as noções de sujeito e argumento externo: semelhanças e diferenças entre a estrutura de F e a estrutura de SN em Português”, in *Boletim de Filologia*, Tomo XXIX, pp. 421-478.
- Brito, A. M. 1990 “Nominal specifiers in European Portuguese” in *Workshop sobre Gramática Generativa*, Encontros Regionais da APL, pp. 1-26.
- Brito, A. M. 1992 “Noun movement, agreement and word order in the Portuguese Nominal Phrase”, in *Workshop sobre Português*, Encontros Regionais da APL, FLUL, Lisboa, pp. 25-60.
- Brito, A. M. 1993 “Aspects de la syntaxe du SN en portugais et en français” in *Revista da Faculdade de Letras do Porto, Série Línguas e Literaturas*, Tomo X, pp. 25-53.

- Brito, A. M. 1997 "A extracção a partir do SN revisitada" in Brito, A. M., Oliveira, F., Lima, I. P. & Martelo, R. M. (orgs.) *Sentido que a Vida Faz. Estudos para Óscar Lopes*, Porto, Campo das Letras, pp. 527-537.
- Brito, A. M. 1999 "Português Europeu / Português Brasileiro: algumas diferenças sintácticas", in *(Pré)publications*, Romansk Institut, Aarhus Universitet, 168, pp. 12-34.
- Cardinaletti, A. & Starke, M. 1994 "The typology of structural deficiency: on the three grammatical classes", com. apresentada no *24th Linguistic Symposium on Romance Languages*, Los Angeles.
- Cerqueira, V. 1993 "A forma genitiva *dele* e a categoria de Concordância (AGR) no Português Brasileiro", in Roberts, I. & Kato, M. 1993, pp. 129-161.
- Cerqueira, V. 1996 *A Sintaxe do Possessivo no Português Brasileiro*, Diss. de Doutorado, UNICAMP / IEL (não publ.)
- Chomsky, N. 1995 *The Minimalist Program*, Cambridge, Mass., The MIT Press.
- Cinque, G. 1980 "On extraction from NP", in *Journal of Italian Linguistics*, 1/2, pp. 47-99.
- Cinque, G. 1994 "On the evidence for partial N-movement in the Romance DP" in Cinque, G. et alii (eds.) *Paths towards Universal Grammar, Studies in honour of Richard Kayne*, Georgetown University Press, pp. 85-110.
- Demonte, V. 1999 "El adjetivo: Clases y usos. La posición del adjetivo en el sintagma nominal" in Bosque, I. & Demonte, V. (orgs.) *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*, Vol. 1, Madrid, Ed. Espasa, pp. 129-215.
- Dobrovie-Sorin 1987 "À propos de la structure du groupe nominal en roumain", in *Rivista di Grammatica Generativa*, 12, Univ. Press, Padova, pp. 123-152.
- Galves, C. 1993 "O enfraquecimento da concordância no português brasileiro", in Roberts, I. & Kato, M. 1993, pp. 387-408.
- García, L. F. 1994 "La estructura del SD. Consecuencias para el análisis de las cláusulas de relativo genitivo", in *Cuadernos de Lingüística II*, Instituto Universitario Ortega Y Gasset, pp. 83-105.
- Giorgi, A. & Longobardi, G. 1991 *The syntax of Noun Phrases*, Cambridge, CUP.
- Giusti, G. 1997 "The categorial status of determiners" in Haegeman, L. 1997 (org.) *The New Comparative Syntax*, Londres, Longman, pp. 95-123.
- Holmberg, A. & Sandstrom, G. 1996 "Scandinavian Possessive Constructions from a Northern Swedish Viewpoint" in Black, J. R. & Motapanyane (orgs.) *Microparametric Syntax and Dialect Variation*, John Benjamins, pp. 95-120.
- Kato, M. 2000 "Pronomes Fortes e Fracos na Sintaxe do Português Brasileiro" (não publ.)
- Kroch, A. 1989 "Reflexes of grammar in patterns of language change", *Language Variation and Change*, 1, pp. 199-244.
- Lyons, J. 1986 "The syntax of English Genitive Constructions" in *Journal of Linguistics*, 22, pp. 123-143.
- Martinho, F. 1998 *A elipse nominal em Português e em Francês*, Diss. de Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva, FLUP, Porto.
- Mattos e Silva, R. V. 1989 *Estruturas Trecentistas. Elementos para uma gramática do Português Arcaico*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Mattoso Câmara Júnior, J. 1968 *Dicionário de filologia e gramática*, 3ª ed., Rio de Janeiro, J. Ozon.
- Miguel, M. 1992 *O possessivo e a estrutura predicativa do Sintagma Nominal*, Diss. de Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva, FLUL, Lisboa (não publ.).

- Milner, J. C. 1982 *Ordres et raisons de langue*, Paris, Ed. du Seuil.
- Móia, T. 1993 "Aspectos da Modificação de Estruturas Nominais" in *Discursos. Estudos de Língua e Cultura Portuguesa*, 4, Universidade Aberta, pp. 37-63.
- Muller, A. 1997 *A Gramática das Formas Possessivas no Português do Brasil*, Diss. de Doutorado, UNICAMP (não publ.)
- Neves, H. M. 1993 "Possessivos", in Castilho, A. T. (org.) 1993 *Gramática do Português Falado*, Vol. III: As Abordagens, FAPESP, Ed. da Unicamp, Campinas, pp. 149-211.
- Picallo, M. C. 1991 "Nominals and nominalizations in Catalan" in *Probus*, 3,3, pp. 279-316.
- Picallo, M. C. & Rigau, G. 1999 "El posesivo y las relaciones posesivas", in Bosque, I. & Demonte, V. (orgs.) *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*, Vol. 1, Madrid, Ed. Espasa, pp. 973-1023.
- Ritter, E. 1990 "Evidence for number as a nominal head", com. apresentada no GLOW Colloquium.
- Roberts, I. & Kato, M. 1993 *Português Brasileiro*, Editora da Unicamp, Campinas.
- Sánchez-Lefebvre, N. 1997/8 "'Stylistic movement' in the DP: Evidence from Possessive Constructions", in *Cuadernos de Lingüística V*, Instituto Universitario Ortega y Gasset, pp. 127-138.
- Silva, G. & Callou, D. 1996 "O uso do artigo definido diante de possessivo" in Duarte, I. & Leiria, I. (1996) (orgs.) *Congresso Internacional sobre o Português*, Colibri/ APL, Lisboa, Vol. III, pp. 115-125.
- Szabolcsi, A. 1983 "The possessor that ran away from home" in *The Linguistic Review*, 3,1, pp. 89-102.
- Sprouse, R. & Vance, B. 1999 "An explanation for the decline of Null Pronouns in certain Germanic and Romance Languages", in DeGraff, M. (ed.) 1999 *Language Creation and Language Change*, The MIT Press, Cambridge, Mass..
- Zribi-Hertz, A. 1999 "Le système des possessifs en français standard moderne" in *Langue Française*, 122, pp. 7-29.